

## Discursos da periferia em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*

Profa. Dra. Maria Celina Novaes Marinho<sup>1</sup> (CEUNSP)

### Resumo:

*A assimilação da matéria local em um fazer literário constituído a partir de modelos estrangeiros foi tomando forma aos poucos, no processo de construção da literatura brasileira. Quem somos? – é a pergunta constante nesse processo e também um dos motes da obra de Lima Barreto. Em Triste Fim de Policarpo Quaresma, o autor põe em cena não só o nacionalismo ingênuo do protagonista, mas também a vida social nos subúrbios cariocas, esquadrinhando o esforço mimético da periferia em relação ao centro, representado pelo estilo de vida burguês.*

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira, Lima Barreto, representação do diálogo social.

A assimilação da matéria local em um fazer literário constituído a partir de modelos estrangeiros foi tomando forma aos poucos, no processo de construção da literatura brasileira. Quem somos? – é a pergunta constante nesse processo e também um dos motes da obra de Lima Barreto. O autor chamava a atenção para o completo desconhecimento que os brasileiros revelavam sobre o próprio país, tão vasto e com condições de vida bastante diversas. O alheamento sobre realidade mais imediata e a dificuldade de representá-la eram problemas que enfrentava a literatura brasileira para firmar-se como autônoma.

Se Euclides da Cunha revela o homem do sertão, Lima mostra o homem que habita os subúrbios do Rio de Janeiro. É outra periferia, mas o centro é o mesmo: a capital federal. Nesse caso, a distância não é física, mas social. O Brasil desconhecido não existia apenas em regiões longínquas, a milhares de quilômetros do Rio, como registrava uma literatura que, de vez em quando, se deslocava do centro para servir-se do material exótico que forneciam essas paragens. O Brasil desconhecido também estava presente ali mesmo, a poucos quilômetros da sofisticada Rua do Ouvidor, e não foram muitos os que se interessaram por resgatá-lo como matéria literária. Lima Barreto observa no conto “Manuel Capinero”, de 1915:

Quem conhece a Estrada Real de Santa Cruz? Pouca gente do Rio de Janeiro. Nós todos vivemos tão presos à avenida, tão adstritos à Rua do Ouvidor, que pouco ou nada sabemos desse nosso vasto Rio, a não ser as coisas clássicas da Tijuca, da Gávea e do Corcovado. (BARRETO, 1990: 35) [2]

Lima Barreto produz uma mudança significativa, retratando a vida de pessoas simples nos arredores de um grande centro urbano em desenvolvimento. As pessoas da classe baixa tornam-se protagonistas e ganham cenário próprio: o subúrbio. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, esse universo é explorado minuciosamente. A burguesia quase não aparece, ou melhor, aparece como referência, pois, mesmo tendo se tornado o centro do romance, o subúrbio revela-se a sombra apagada do mundo burguês. É o que se observa nesta passagem:

Não há nos nossos subúrbios cousa alguma que nos lembre os famosos das grandes cidades européias, com as suas vilas de ar repousado e satisfeito, as suas estradas e ruas macadamizadas e cuidadas, nem mesmo se encontram aqueles jardins, cuidadinhos, aparadinhos, penteados, porque os nossos, se os há, são em geral pobres, feios e desleixados.

(...) Há pelas ruas damas elegantes, com sedas e brocados, evitando a custo que a lama ou o pó lhes empane o brilho do vestido; há operário de tamancos; há peralvilhos à última moda; há mulheres de chita; e assim pela tarde, quando essa gente volta do trabalho ou do passeio, a mescla se faz numa mesma rua, num

quarteirão, e quase sempre o mais bem posto não é que entra na melhor casa.  
(BARRETO, 1994: 64)

Lima Barreto dissecou a assimilação, pelos grupos periféricos, dos valores dos grupos identificados com o centro do poder. E isso é mostrado tanto pela necessidade de legitimação que manifesta o suburbano em relação aos modos burgueses da Rua do Ouvidor, como também pelo esforço da elite brasileira em reproduzir o estilo de vida da burguesia européia, decalcando-o em quase tudo: na fala, na moda, no comportamento e nas idéias em geral.

A escolha do subúrbio como tema está fortemente ligada ao contexto da época: o processo de “regeneração” a que é submetida a capital federal no início do século XX inicia-se com a remoção, para regiões afastadas, da população pobre que habitava o centro da cidade. A vida social e cultural carioca sofre uma profunda intervenção, como destaca Nicolau Sevcenko:

Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais; e não havia quem se lhe pudesse opor. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose, conforme veremos adiante: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 1995: 30) [3]

Com o olhar crítico que lhe é peculiar, Lima Barreto mostra como, nessa época, os valores burgueses e europeus repercutiram na mentalidade e na vida social da capital brasileira, revelando na micro e na macro-estrutura um mesmo movimento: a alienação. *Nós* queríamos ser *outros*. E, constatado o fato de que imagem e realidade não coincidiam, pegamos o caminho inverso à racionalidade e não nos pejam em reconstruir o real para que ele se parecesse com o mundo que tínhamos em nossa cabeça. A velha cidade transmutou-se em cenário do desejo de ser estrangeiro.

A referência à Europa ou aos seus costumes é recorrente no livro, servindo de contraponto ao discurso ufano-nacionalista de Policarpo Quaresma, como podemos ver nestes trechos:

Dona Adelaide, a irmã de Quaresma, entrou e convidou-os a irem jantar. A sopa já esfriava na mesa, que fossem!

– O Senhor Ricardo há de nos desculpar, disse a velha senhora, a pobreza do nosso jantar. Eu lhe quis fazer um frango com *petit-pois*, mas Policarpo não deixou. Disse-me que esse tal *petit-pois* é estrangeiro e que eu o substituísse por guando. Onde é que se viu frango com guando? (BARRETO, 1994: 11) [1]

(...) alguém suspirando, disse: “Ah! Meu Deus! Quando poderei ir à Europa!” O major não se conteve: levantou o olhar, concertou o *pince-nez* e falou fraternal e persuasivo: “Ingrato! Tens uma terra tão bela, tão rica, e queres visitar a dos outros!” (BARRETO, 1994: 9)

É no micro-cosmos (o lar suburbano, a repartição pública) que o autor reproduz boa parte do diálogo social da época, pondo em cena discursos de grande repercussão: é o caso do cientificismo, da doutrina positivista e do nacionalismo. Um dos aspectos mais ricos de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é justamente este: ao mesmo tempo em que nos mostra uma outra história, baseada no cotidiano, na vida do homem comum, examina também como essa “pequena história” entra em contato com a “grande história”, a dos grandes feitos (a Guerra do Paraguai) e dos grandes homens (Florian Peixoto). Ou, mais precisamente, como o homem comum traduz para a vida privada a ideologia veiculada, na esfera pública, pelos grupos dominantes.

A princípio, nada difere Policarpo do homem comum: um sujeito atado ao cotidiano, sem grandes planos e ambições. O interessante nesse romance é que Lima Barreto olha o excluído sob as vestes do incluído (essa é a primeira das muitas ironias do livro). Não parece haver alguém mais enquadrado nas normas sociais que Policarpo. Ele tem o mesmo emprego há quase trinta anos, executa as mesmas tarefas banais todos os dias e não se revolta contra isso. Tampouco sofre de abandono: interage com seus vizinhos, tem laços afetivos mais profundos (a irmã, o padrinho, a afilhada, o amigo). Enfim, não se parece em nada com o desajustado comum que questiona a ordem social por se sentir discriminado.

E, embora se metendo em encrencas, Quaresma jamais pensa em sua atitude face ao mundo como divergente, jamais se vê como um contestador. É o que revela sua resposta ao comentário jocoso de um colega de repartição: “Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da pátria” (BARRETO, 1994: 9). Para Policarpo, a sua atitude é convergente: ele está de acordo com a ordem social, quer apenas ajudá-la, aprimorá-la. Esse modo de pensar e de agir está ligado diretamente ao positivismo e, em especial, à idéia de altruísmo. Alfredo Bosi explica essa concepção de Auguste Comte:

As classes sociais, harmonizadas no sistema superorgânico, praticariam a solidariedade, versão leiga do amor fraterno cristão. *Altruísmo* é termo cunhado por Auguste Comte por volta de 1830. Os valores altruístas contrapunham-se aos instintos agressivos da competição: o que distinguia o comtismo do darwinismo social, que identificava na lei da selva o princípio motor de toda a evolução: *struggle for life*. Comte formulara como norma de conduta a expressão oposta: viver para outrem, *vivre pour autrui*. (BOSI, 2004: 158)<sup>1</sup> [4]

Osman Lins nota que, mesmo quando há oposição de classes na obra de Lima Barreto, os pobres nela representados não têm consciência de classe (LINS, 1976: 23) [5]. É o caso de Quaresma, que não distingue seu lugar na sociedade. Na sua visão de mundo, ele, Policarpo Quaresma, a velha escrava (a quem pede para lhe ensinar cantigas populares) e o presidente Floriano Peixoto estão todos no mesmo plano. O exemplo mais gritante desse comportamento é o telegrama que envia ao Presidente da República durante uma crise política: “Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. – Quaresma” (BARRETO, 1994: 93). Policarpo, um subsecretário de uma repartição qualquer, um zé-ninguém, trata o mais alto mandatário da nação como um igual. Ou, para ser mais exata, ele chega ao extremo de inverter as posições, tratando o Presidente da República como alguém que depende de seu apoio e de seus conselhos.

Policarpo não sente medo ao tratar um superior como um igual, nem sente vergonha por seus atos considerados excêntricos, como ocorre com seus vizinhos e colegas de repartição, pois ele não concebe a existência de interesses contraditórios entre os diferentes grupos sociais. Ele vê a sociedade como um todo uniforme. O nacionalismo serve de alimento para essa visão de mundo, pois é um discurso que se desenvolve por meio da idéia de totalidade, isto é, visando ao apagamento das diferenças. Essa forma de percepção aparece bem explicitada nesta passagem:

Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com o seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura de Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves — era tudo isso junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do cruzeiro. (BARRETO, 1994: 8)<sup>2</sup>

---

1 Como contraponto à concepção positivista, o “darwinismo social” aparece em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* por meio de personagens arrivistas, como Genécio e Dr. Armando Borges.

2 O discurso ufano-nacionalista de Policarpo ressoa as idéias e o tom exaltado do livro de Afonso Celso *Porque me ufano de meu país*, de 1900 [6].

No início do romance, Policarpo Quaresma está integrado ao mundo social que o cerca — que é estreitamente hierarquizado e movido pelo arrivismo — e está igualmente integrado ao mundo ideal que criou na sua mente, em que não há disputas, não há interesses, só uma única vontade de progredir, uma única direção: o bem de todos. Policarpo só vai se confrontar com tais contradições quando decide passar da idéia à ação, tentando unir esses dois mundos inconciliáveis.

No primeiro capítulo – *A lição de violão* – somos introduzidos no universo suburbano em que vive Policarpo. Um aspecto da mentalidade dominante aí é a necessidade de ser integrado, de ser aceito, o que em termos discursivos pode ser traduzido na forma de uma frase como *O que os outros vão pensar?* Desse modo, o grupo social procura zelar por sua auto-imagem e manter-se coeso. Assim, ao mesmo tempo em que conhecemos Policarpo Quaresma, conhecemos também o que os mais próximos pensam dele. As vozes da vizinhança aparecem:

Mas não foi preciso pôr na carta; a vizinhança concluiu logo que o major aprendia a tocar violão. Mas que coisa? Um homem tão sério metido nessas malandragens! (BARRETO, 1994: 5)

De fato, a consideração e o respeito que o Major Policarpo Quaresma merecia nos arredores de sua casa diminuíram um pouco. Estava perdido, maluco, diziam. (BARRETO, 1994: 5)

Lembremos que o violão nessa época é visto com preconceito, ligado à expressão da cultura popular. Para Policarpo, o instrumento simboliza um retorno à nossa origem mais genuína. O universo suburbano, no entanto, rejeita tal escolha e a vê como uma forma de desvalorização. Isso fica claro neste comentário sobre o seresteiro: “Ricardo não fora convidado porque o general temia a opinião pública sobre a presença dele em festa séria.” (BARRETO, 1994: 27). O subúrbio busca a todo custo integrar-se ao centro da cidade, dominado pelos valores burgueses.

Policarpo segue em direção oposta. Ignora a realidade mais imediata e tenta pôr em prática suas idéias utópicas. Dessa forma, aos poucos, ele vai se desprendendo da massa amorfa de que faz parte. Um requerimento pedindo a instituição do tupi como língua nacional e, posteriormente, a redação accidental de um ofício em tupi acabam por selar o destino de Policarpo: é o ponto de ruptura com seu grupo social. Os colegas de repartição ficam irritados com a repercussão pública dos atos inusitados de Policarpo:

É como se se visse no portador da superioridade um traidor à mediocridade, ao anonimato papeleiro. Não há só uma questão de promoção, de interesse pecuniário; há uma questão de amor próprio, de sentimentos feridos, vendo aquele colega, aquele galé como eles sujeitos aos regulamentos, aos caprichos do chefe, às olhadelas superiores dos ministros, com mais títulos à consideração, com algum direito de infringir as regras e os preceitos. (BARRETO, 1994: 37)

Já se viu, *dizia o secretário*, este tolo dirigir-se ao Congresso e propor alguma coisa! Pretensioso! (BARRETO, 1994: 37)

A possibilidade de um sujeito ultrapassar a fronteira de sua classe é compreendida como um insulto por aqueles que se conformaram com sua condição: *cada um deve conhecer o seu lugar*. É o discurso da resignação.

Esse não é o único discurso sobre a pobreza que aparece em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São vários e estão associados a diferentes personagens e a diferentes circunstâncias. Em síntese, um indivíduo pode admitir ou negar sua condição social. Se admite, pode se conformar com a situação (os funcionários da repartição), ignorá-la (Ricardo Coração dos Outros) ou se revoltar contra ela (não há personagem que represente essa posição). Se nega, pode identificar-se com outra classe (Genelício, em particular; o suburbano, em geral) ou pode negar a existência de privilégios entre as classes (Policarpo).

É possível ver na posição de Quaresma uma crença sem limites nos ideais de universalidade propagados pela instituição da República. De um momento para outro, todos eram cidadãos e, como tais, supostamente iguais perante a lei. Policarpo adota esse princípio e não hesita em requerer<sup>3</sup> ao Congresso a mudança do idioma ou em relatar ao Presidente da República as atrocidades cometidas numa prisão. Nos dois casos, a reação não é a que Policarpo esperava, mas ele só se dá conta da amplitude do seu engano quando é preso, sem ter cometido crime algum.

Por outro lado, o discurso de negação da pobreza não está concentrado em um único personagem, mas em todo um grupo social. No esforço de negar sua condição, o pobre dos subúrbios, em vez de se considerar menos favorecido em relação a quem tem mais dinheiro, prefere se considerar bem de vida em relação aos mais miseráveis. Ele se imagina no topo da pirâmide social, como uma entidade autônoma.

Para assumir o discurso de privilegiados, os suburbanos adaptam seus sonhos de riqueza aos limites impostos por sua condição de vida. Assim, seus ideais e aspirações se resumem ao que eles entendem por “vida respeitável”, o que significa no mínimo ter trabalho, moradia e sustento até o último de seus dias e na melhor das hipóteses casar as filhas e arrumar um emprego público para o filho. Essa é a noção que eles têm de uma existência gloriosa. A vida “superior” que o suburbano se orgulha de ter é esmaltada pelo narrador, que a ironiza sem piedade:

Dessa maneira, Ricardo Coração dos Outros gozava da estima geral da alta sociedade suburbana. É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo. Isto é, só lá, nos bailes nas festas e nas ruas, onde se algum dos seus representantes vê um tipo mais ou menos, olha-o da cabeça aos pés, demoradamente, assim como quem diz: aparece lá em casa que te dou um prato de comida. Porque o orgulho da aristocracia suburbana está em ter todo dia jantar e almoço, muito feijão, muita carne-seca, muito ensopado – aí, julga ela, é que está a pedra de toque da nobreza, da alta linha, da distinção.

Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente míngua, apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas. (BARRETO, 1994: 10-11)

Uma imagem comum no discurso de negação da pobreza é justamente a da opulência, da fartura, do desperdício. É uma das formas que a ‘aristocracia suburbana’ usa para assimilar o comportamento das classes abastadas: poder colocar-se na posição superior daquele que dá algo a alguém mais necessitado. Além disso, ter o que comer, não passar fome é a linha divisória que distingue a pobreza da miséria, ou ainda, é a última fronteira entre poder negar a pobreza ou ter que admiti-la.

A estratégia inconsciente da ‘aristocracia suburbana’ de ignorar a existência de uma classe que lhe é superior pode funcionar perfeitamente dentro de seu grupo social, mas revela-se bem frágil quando confrontada com uma realidade mais ampla. É o que denuncia o ponto de vista do narrador através de comentários como: “é uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios”.

---

<sup>3</sup> A afirmação da cidadania aparece logo no início do requerimento: “Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil (...)” (BARRETO, 1994: 35)

Na maior parte do livro, a ironia é construída no discurso do narrador por meio de uma consonância exagerada na assimilação dos discursos das personagens, isto é, ele ratifica enfaticamente o ponto de vista delas, o que acaba produzindo um efeito contrário, de subversão da palavra alheia. A passagem que acabamos de citar é ilustrativa: nela aparecem os principais mecanismos de construção da ironia na voz do narrador: a redundância (“diariamente” e “bailes diários”), a ênfase (“aí, julga ela, **é que** está a pedra de toque...”), a repetição de termos (“alta”) e o uso reiterado de adjetivos (“geral”, “alta”, “especial”, “lindos”, “intermináveis”, “diários”).

Quando parece ter ido longe demais com a adesão à visão de mundo da personagem, o narrador introduz as ressalvas necessárias, marcando sua distância em relação ao que a personagem enuncia:

Porque o orgulho da aristocracia suburbana está em ter todo dia jantar e almoço, muito feijão, muita carne-seca, muito ensopado – aí, **julga ela**, é que está a pedra de toque da nobreza, da alta linha, da distinção. (BARRETO, 1994: 11) [grifo meu]

De manhã, depois da toalete, e do café, sentava-se no divã da sala principal e lia os jornais. Lia diversos, por que sempre esperava encontrar num ou noutro uma notícia curiosa, a sugestão de uma idéia útil **à sua cara pátria**. (BARRETO, 1994: 14) [grifo meu]

Eram pequenos melhoramentos, simples toques, porque em si mesma (**era a sua opinião**), a grande pátria do Cruzeiro só precisava de tempo para ser superior à Inglaterra. (BARRETO, 1994: 15) [grifo meu]

Outras vezes, o narrador corrige o ponto de vista da personagem de forma explícita, dando a real dimensão do que está sendo narrado: “Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente míngua, apaga-se, desaparece” (BARRETO, 1994: 11).

Assim se, por um lado, a classe baixa procura apagar sua posição de inferioridade em relação à classe alta, por outro lado, ela reproduz dentro de seu próprio grupo as relações de poder que mantém com essa classe, invertendo-as. Nesse caso, o sujeito não faz questão de se distinguir dos mais ricos, mas faz questão de se distinguir dos mais pobres. A classe baixa cria uma hierarquia dentro de seu próprio grupo. Isto é, a distinção negada fora, aparece no interior do grupo. Um aspecto marcante dessa hierarquização é o fato de que o suburbano se afirma por meio de sua função na vida pública. O relato da festa de noivado de Ismênia é um bom exemplo de como isso acontece:

Além das moças e as respeitáveis mães, acudiram ao convite do general, o Contra-almirante Caldas, o Dr. Florêncio, engenheiro das águas, o Major honorário Inocência Bustamante, o Sr. Bastos guarda-livros, ainda parente de dona Maricota e outras pessoas importantes. Ricardo não fora convidado porque o general temia a opinião pública sobre a presença dele em festa séria. (BARRETO, 1994: 27)

O que chama a atenção na passagem acima são as excessivas qualificações — general, contra-almirante, engenheiro das águas, major honorário, etc. — que designam os convidados de uma simples festa de noivado suburbana. Ao relatar a festa, o narrador incorpora em seu discurso algo que está sendo avaliado a partir do ponto de vista das personagens. Afinal, são os anfitriões — e não o narrador — que identificam aqueles convidados como “pessoas importantes”. A solenidade atribuída ao evento por aqueles que dele participam é reproduzida pelo narrador em seu discurso: mães “respeitáveis”, festa “séria”, a “opinião pública”. Se essas palavras parecem, a princípio, não se destacar muito do contexto em que estão inseridas, num segundo momento, aparecendo de forma contínua e, às vezes, excessiva, elas revelam o que realmente são: discurso das personagens incrustado no discurso do narrador.

O narrador assimila em seu discurso a importância que os suburbanos atribuem a si mesmos. O seu relato assume em certos momentos um tom grave e solene que deixa visível, porém, sua

artificialidade. É o que vemos no início do capítulo *Desastrosas conseqüências de um requerimento*:

Os acontecimentos a que aludiam os graves personagens reunidos em torno da mesa de solo, na tarde memorável da festa comemorativa do pedido de casamento de Ismênia, se tinham desenrolado com rapidez fulminante. (BARRETO, 1994: 34)

Como dissemos, nesse romance, as personagens são definidas geralmente por sua faceta mais exterior. Policarpo Quaresma é identificado muitas vezes por seu cargo na administração pública; do mesmo modo, Ricardo Coração dos Outros é freqüentemente designado por seu trabalho de cantor de modinhas (“mestre do violão”, “seresteiro”). O narrador assimila este traço do discurso de suas personagens: antes de identificarem alguém por seu caráter pessoal, elas o definem por sua ocupação pública. Mesmo que – é preciso ressaltar – tal posição represente mais uma aparência do que uma realidade.

Nesse caso, o narrador adota a designação, mas não deixa de corrigi-la em seguida, expondo sua inconsistência. Policarpo, por exemplo, é identificado como major, mas o narrador logo esclarece que a denominação lhe foi dada não por ter esse posto – no Exército não chegou nem a ser aceito como recruta –, mas por trabalhar no Arsenal de Guerra como subsecretário:

Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.

No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo que é bem o hálito da pátria. (BARRETO, 1994: 8)

A construção da ironia por meio da enumeração excessiva desnuda o desencaixe: a necessidade de heroísmo manifestada por Policarpo é suprida através de uma farsa. Isso também ocorre em relação a outras personagens. É o caso de Albernaz, vizinho de Policarpo, que é identificado, várias vezes, como general. Antes, porém, que o leitor o imagine como uma autoridade importante, o narrador esclarece a real dimensão de seu poder:

O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que talvez não possuísse. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de artilheiro. Fora sempre ajudante de ordens, assistente, encarregado disso e daquilo, escriturário, almoxarife, e era secretário do Conselho Supremo Militar, quando se reformou em general. (BARRETO, 1994: 16)

No mundo suburbano, ninguém é o que parece: o contra-almirante Caldas praticamente nunca embarcara; o Dr. Florêncio, “engenheiro das águas”, estava mais próximo de ser “um guarda de encanamento”; um outro, Dr. Bulhões, não é nem ao menos formado:

(...) tinha uma grande reputação nos subúrbios, não como médico, pois que nem óleo de rícino receitava, mas como entendido em legislação telegráfica, por ser chefe de seção da Secretaria dos Telégrafos (BARRETO, 1994: 10).

Nos subúrbios, todos parecem ser mais do que são, pois todos querem ser *outros*. E dessa forma, constantemente, o narrador se vê obrigado a dar explicações, a traduzir o real significado das denominações suburbanas. A ironia transparece na forma de uma reiterada correção, da retificação contínua de tudo que é definido por uma certa visão de mundo. Assim, tudo o que o suburbano quer valorizar como sendo grave e importante acaba sendo minimizado ou rebaixado pela voz do narrador.

O universo suburbano representado em *Triste fim de Policarpo Quaresma* não tem identidade própria. É um mundo de sombras, de comparações, de paralelismo. A cena suburbana é vista, pelo narrador, como o arremedo de um sentido produzido em outro lugar, a cena burguesa.

*Triste Fim de Policarpo Quaresma* mostra, pelas entranhas, as contradições que alimentaram a formação do Brasil moderno. Revela o distanciamento entre prática e consciência social, desnudando a alienação, em suas variadas facetas: a visão neutra de Policarpo, que não vê as diferenças sociais; a negação, por um grupo social, de própria condição e a assimilação de uma outra identidade: o suburbano que se imagina burguês; o Brasil que se quer europeu.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo, Scipione, 1994.
- [2] BARRETO, Afonso Henriques de Lima. “Manuel Capineiro”. In: *Contos reunidos*. Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Garnier, 1990, p. 35-38.
- [3] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo, Brasiliense, 1995, 4ª edição.
- [4] BOSI, Alfredo. “O positivismo no Brasil: uma ideologia de longa duração”. In: PERRONE-MOISÉS, Leila. *Do positivismo à desconstrução*. São Paulo, Edusp, 2004.
- [5] LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo, Ática, 1976. Ensaios, n.º 20.
- [6] CELSO, Affonso. *Porque me ufano do meu país*, Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1997.

---

## **Autor**

<sup>1</sup> **MARINHO, Maria Celina Novaes, Profa. Dra.**  
E-mail: celina@usp.br